

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sala B.I (edifício da Biblioteca)

12 de fevereiro de 2020, 14:30 horas

PRISIONEIRO DE GUERRA III

EDUARDO FERREIRA

ANTÓNIO MARTINS COSTA / INÊS MEIRA ARAÚJO

EDITE MARTINS ALBERTO

FERNANDO RIBEIRO



Imagem da Capa
Prisioneiros de guerra iraquianos escoltados por helicóptero do Kuwait.
I Guerra do Golfo (27 de fevereiro de 1991). Foto de Eric Bouvet.

EDUARDO FERREIRA

CH-Universidade de Lisboa

OS *ASĪRU* EM CONTEXTO ASSÍRIO E NEO-ASSÍRIO

TIPOLOGIAS, CONDIÇÕES E FUNÇÕES

(c. 1414-631 a. C.)

A guerra como fenómeno organizado nas sociedades humanas começou com a gênese das primeiras cidades e com o aumento do excesso de oferta. Em conflitos, geralmente sazonais feitos durante o verão, a guerra tornou-se uma maneira de adquirir bens e supremacia sobre outras populações. Esta atividade também formou novas elites sociais que, com o tempo, assumiriam o controlo sobre os sistemas políticos.

É nesse contexto eminentemente bélico que os prisioneiros de guerra estão inseridos, estes são um elemento constante e essencial no contexto de batalha e nos momentos seguintes. Na Assíria e na conseqüente Neo-Assíria, a captura de soldados inimigos, em assírio *asīru*, foi um fator crucial na economia de guerra dessas civilizações. Distribuídos por diversas tipologias, dependendo da sua classe social e militar, estes prisioneiros iriam dar origem a resgates e a um frutuoso comércio de escravos para as mais variadas funções. A condição e tipo de *asīru* está amplamente imortalizado em fontes escritas e em vários murais e baixos-relevos de natureza político-propagandística assíria.

ANTÓNIO MARTINS COSTA

INÊS MEIRA ARAÚJO

CH-Universidade de Lisboa

ENTRE CRISTÃOS E MUÇULMANOS:

PRAXES DA GUERRA NAS CONQUISTAS PORTUGUESAS EM MARROCOS

(SÉCULOS XV-XVI)

A expansão portuguesa no Norte de África, nos séculos XV e XVI, constituiu um desígnio de serviço à Coroa e à Igreja que alimentou a conquista de praças no litoral magrebino entre o Rife e o Suz. Sob o pano de fundo de uma Cristandade que então assistia atemorizada ao avanço Turco no

Mediterrâneo, as expedições dos Portugueses sobre as fortalezas do reino de Fez, no Algarve d'Além, assumiam um fervoroso carácter cruzadístico de luta contra o Islão.

Partindo de estudos sobre as campanhas portuguesas no Magrebe, numa época de transformação da arte da guerra, conseguimos identificar – através do cruzamento de fontes escritas e iconográficas – modelos e representações da vivência da Cruzada, assinalando momentos diferentes das expedições. De facto, essa será a melhor visão do inimigo que nos é transmitida por uma sociedade que, entre combatentes e não-combatentes, se organizava num conjunto de cerimónias, praxes e formalismos: fosse aquando da partida das armadas, com missas solenes, bênçãos de insígnias e procissões; fosse aquando da entrada nas cidades conquistadas aos mouros, a quem era garantida a evacuação (segura) das praças, para logo se realizarem as entradas triunfais, as conversões de mesquitas em igrejas e as investiduras de cavaleiros.

EDITE MARTINS ALBERTO
CHAM / NOVA - FCSH

**SOBREVIVER AO CATIVEIRO:
OS PRISIONEIROS DE ALCÁCER QUIBIR**

Em consequência da Batalha de Alcácer Quibir (1578), os frades trinitários, por determinação do Cardeal-Rei D. Henrique, procederam, a partir do Convento da Santíssima Trindade de Ceuta, ao resgate dos prisioneiros de guerra. Nas crónicas da Ordem e na documentação trocada entre os padres redentores e os seus superiores ficaram registadas as vivências junto dos cativos e o complexo processo de negociação dos resgates. Nesta comunicação pretendemos, a partir dos relatos dos religiosos, traçar itinerários e caracterizar a vida no cativeiro dos prisioneiros nos anos subsequentes à batalha enquanto aguardavam os seus resgates.

FERNANDO RIBEIRO

CH-Universidade de Lisboa

TEN PIL ANTÓNIO LOBATO

O MAIS LONGO CATIVEIRO

DA GUERRA COLONIAL PORTUGUESA

Na década de 1960, a vida de Oliveira Salazar não estava minimamente facilitada. Num contexto internacional adverso às políticas do Estado Novo, o presidente Kennedy defendia os nacionalismos com o objetivo de oferecer, aos países do Terceiro Mundo, alternativas ao comunismo. Igualmente a situação interna tinha alguma volatilidade com o caso do capitão Henrique Galvão *vs Santa Maria* e o problema Botelho Moniz; ao mesmo tempo surgem, a partir dos primórdios de 1961, as lutas de libertação nos territórios ultramarinos portugueses de Angola, Moçambique e Guiné.

Em 4 de fevereiro 1961, centenas de negros atacam a Casa de Reclusão Militar e as cadeias civis de Luanda. A partir de Conacri, o MPLA reclama o 4 de fevereiro como o início da luta armada em Angola. A 25 de março de 1962 é criada a Frelimo, liderada por Eduardo Mondlane, e a 23 de janeiro de 1963, o PAIGC assalta o quartel de Tite e inicia a guerra na Guiné, tornando-se na segunda frente de guerra colonial portuguesa.

Após umas primeiras escaramuças na Guiné, em 1961, europeus disseminados pelo interior fogem para Bissau. A Força Aérea não possui naquelas paragens qualquer tipo de estrutura. Enquanto se aguarda a criação de uma unidade aérea no local, são nomeados dois pilotos para a «guerra da Guiné» ainda que lá não exista qualquer tipo de avião. “No dia 26 de Julho desse ano da graça de 1961, juntamente com outro colega, o Soares, sigo [sargento António Lobato] para a Guiné em missão de soberania”.

22 de Maio de 1963. Acidente aéreo após missão de ataque ao solo e aterragem forçada numa bolanha. Capturado, Lobato é entregue a dois guerrilheiros do PAIGC que o levam a Nino Vieira. Posteriormente, é conduzido para a Guiné-Conacri onde fica preso na Maison de Force de Kindia.

Com António Lobato preso em Conacri, surge o dia **22 de Novembro de 1970** e com ele a “Operação Mar Verde”, liderada pelo comandante Alpoim Galvão, em resultado da qual Lobato é libertado.

SEMINÁRIOS CH-ULISBOA

HISTÓRIA MILITAR

ORGANIZAÇÃO

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

JOSÉ VARANDAS

VÍTOR GASPAS RODRIGUES

ANTÓNIO RAMOS DOS SANTOS

MODERADOR

JORGE SEMEDO MATOS

Este seminário é apoiado por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia
no âmbito do projecto UID/HIS/04311/2013

This seminar is funded by national funds through
FCT – Foundation for Science and Technology
under project UID/HIS/04311/2013

NOTAS